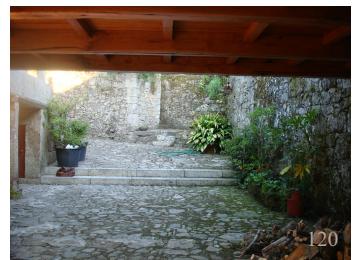


A madeira utilizada no pavimento dos pisos superiores e cobertura é sempre em carvalho, à excepção da estrutura que é em madeira de castanho. Segundo o proprietário, estas vigas provieram de uma Instituição de Solidariedade Social do Porto, inaugurada em 1725, tendo sido substituídas, nos anos ‘90 do século XX pelos responsáveis da Segurança Geral Contra Incêndios, por serem considerada inapropriada para um edifício com aquele programa. No interior do conjunto, Fernando Távora opta por pintar as paredes e tectos a branco e no exterior toda madeira a vermelho, à excepção da parte que constitui o volume suspenso. É exteriormente, na passagem que faz a transição entre o pátio e o jardim, onde se encontra o travejamento em castanho, na forma mais natural, que suporta a sala de estar.

“A recuperação dos telhados é feita com o sistema tradicional, um telhado de madeira – freixais, barrotes, vigas, travessas, etc. – com tudo o que faz parte da construção de um telhado.”¹⁶⁵ Segundo a orientação de Távora, as tábuas de revestimento da cobertura foram colocadas tendo em consideração os movimentos do material, ou seja, com algum espaçamento entre elas. Fernando Távora sugeriu ainda que estas fossem caiadas, algo que não se viria a concretizar por questões de durabilidade e manutenção.

“Há aqui uma particularidade que tem a ver com a forma como se assenta a telha nesta zona do país. A telha não avança, não faz beiral, mas recua e fica em cima de uma lajeta de xisto que faz o beirado. Isto é interessante porque é tudo em pedra, granito e xisto ou piçarra, que conseguimos encontrar parte em Portugal e outra parte fomos buscar a Espanha, à Galiza. Percebemos que na Galiza também existe muito esta técnica de resolver o beirado, em que primeiro tem pedra e depois vem a telha, ao contrário do beirado tradicional em que a telha recua. Todas estas soluções encontramos na arquitectura tradicional, mas aqui é desenhado por Távora, porque ele sabe como é que são as coisas, ele estudou isto.”¹⁶⁶



¹⁶⁵ PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010 (em anexo p.184)

¹⁶⁶ *Ibidem*



Carpintarias

“As portadas aqui eram demasiado perturbantes para a vivência do espaço. Decidiu-se rebater as portadas para cima, o que permitiu fazer um banco de madeira contínuo a toda a volta. A arquitectura popular é tão inventiva que eu não digo que não se encontre este exemplo com facilidade numa casa popular em que, por questões de espaço, é preciso fechar e a portada em vez de andar para o lado rebate-se para cima. Já acontecia algo semelhante, já haviam situações destas mas em ripado de madeira.”¹⁶⁷

É engenhosa a forma como se resolvem as portadas que abrem lateralmente e se recolhem no negativo da parede.

A partição dos elementos das portadas e as 'dobradiças de piano' fazem com que estas sejam mais esbeltas e mais leves.

“Antes as portas não tinham vidro, a água entrava e saia, havia uma relativa vedação só com a portada de madeira. Introduz-se aqui o vidro que também familiariza o espaço, um espaço de uma casa contemporânea, com conforto. É utilizado vidro duplo e isolamento térmico. A própria parede de pedra cria uma inércia térmica porque é uma parede espessa.”¹⁶⁸

A madeira utilizada nestes elementos da carpintaria foi madeira de sucupira, a qual se conserva em excelente estado até hoje.



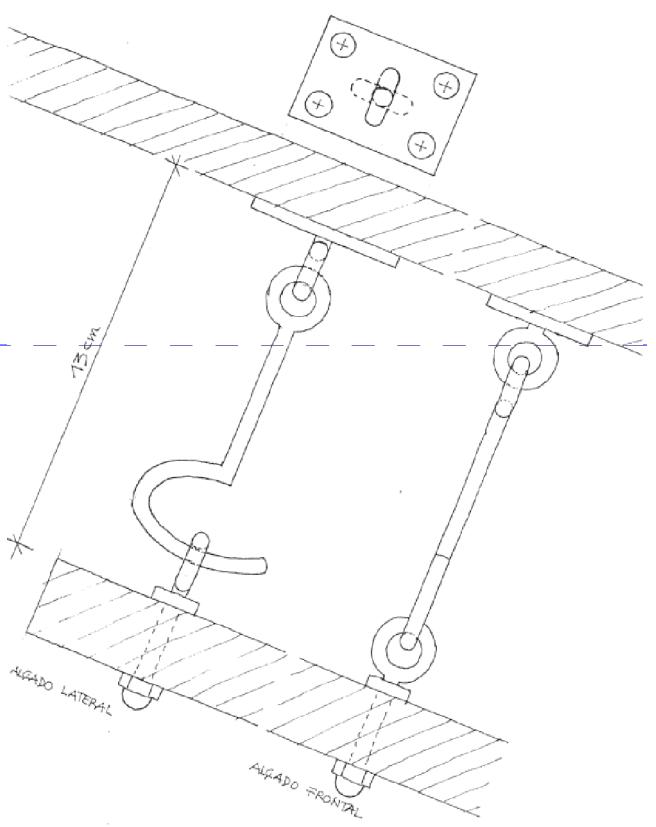
Serralharias

Foi desenhado propositadamente um gancho, para segurar as portadas, assim como um fecho, para caixilho das janelas que, pelo facto destas ficarem muito próximas das portadas, não tinham espaço para um fecho *standard*.

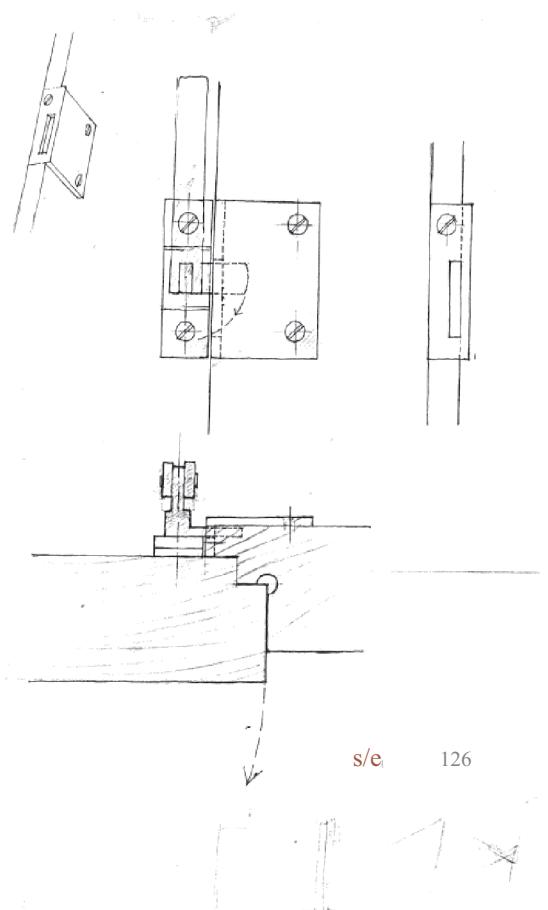
Na Casa de Pardelhas há uma grande versatilidade dos sistemas de abertura dos vãos pelo uso de ferragens que permitem ser alteradas ou reparadas, ou seja, que permitem

¹⁶⁷ PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010 (em anexo p.185)

¹⁶⁸ *Ibidem* (em anexo p.186)



Mario 98 s/e 127





28

alguma apropriação por parte do utilizador. O desenho destas ferragens, muitas delas concebidas pelo atelier, verifica-se como sendo ligeiro mas consistente, quebrado mas firme, encaixado e útil ao qual acrescento o adjetivo de belo e associo à qualidade arquitectónica vitruviana, *firmitas, utilitas e venusta*.



129

Distribuição Vertical

Na Casa, foi desenhada uma escada interior que une a sala ao corredor do piso térreo. A escada é de um lado adossada à parede e do outro tem varões de madeira verticais que dão alguma permeabilidade, fazendo uma suave transição entre os espaços, e que servem simultaneamente de apoio.

A escada de acesso ao mezanino do conjunto da eira era para ser inicialmente recta e, por questões de falta de espaço, passou a ser em 'caracol', com corrimão metálico pintado a branco.



130

Canalizações

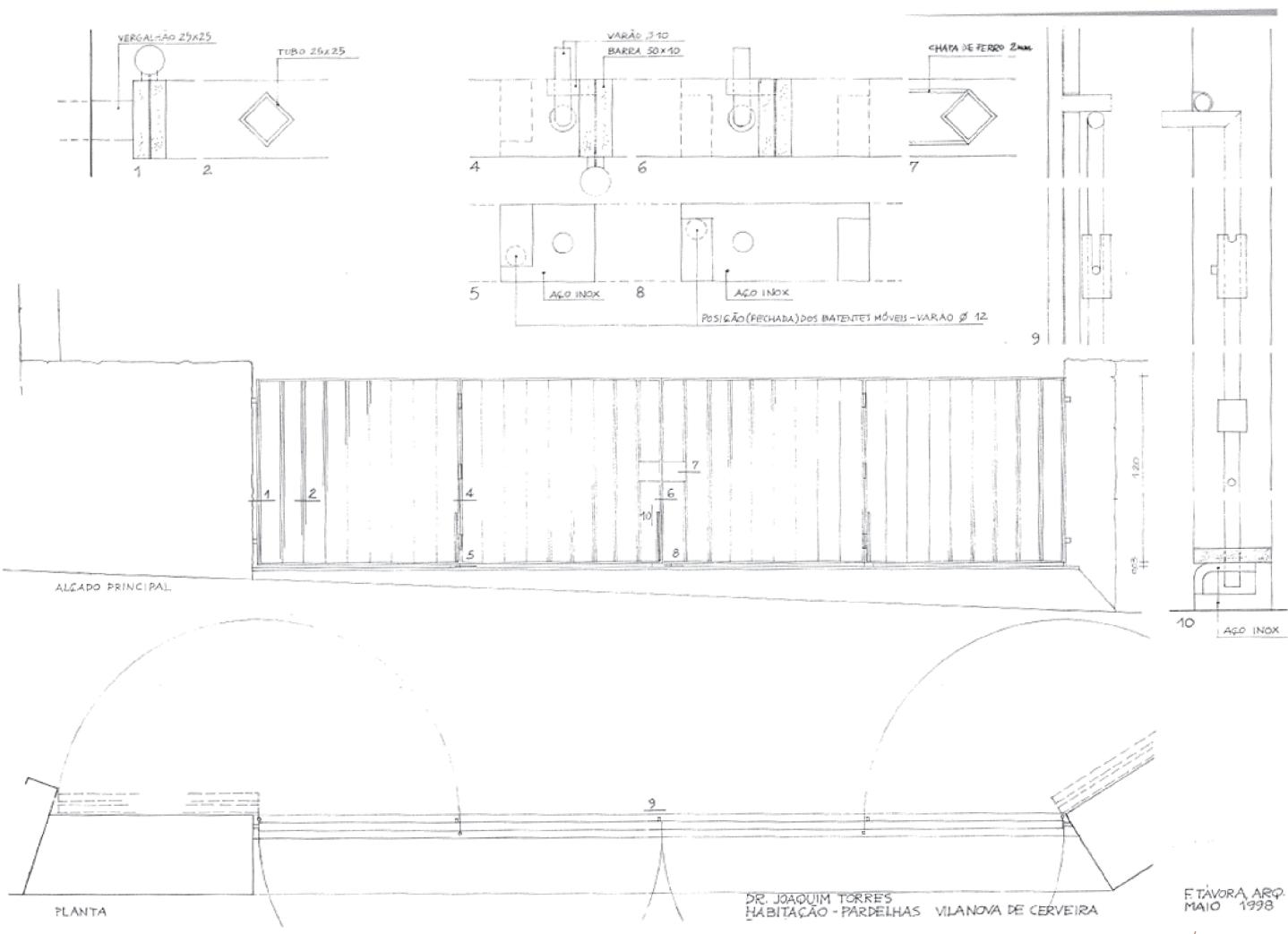
As canalizações introduzidas encontram-se à vista e pintadas a branco. A forma como estão colocadas, demonstra que para Távora são também um elemento desenhado, como remate do rodapé, que surgiu de mais uma imposição funcional.

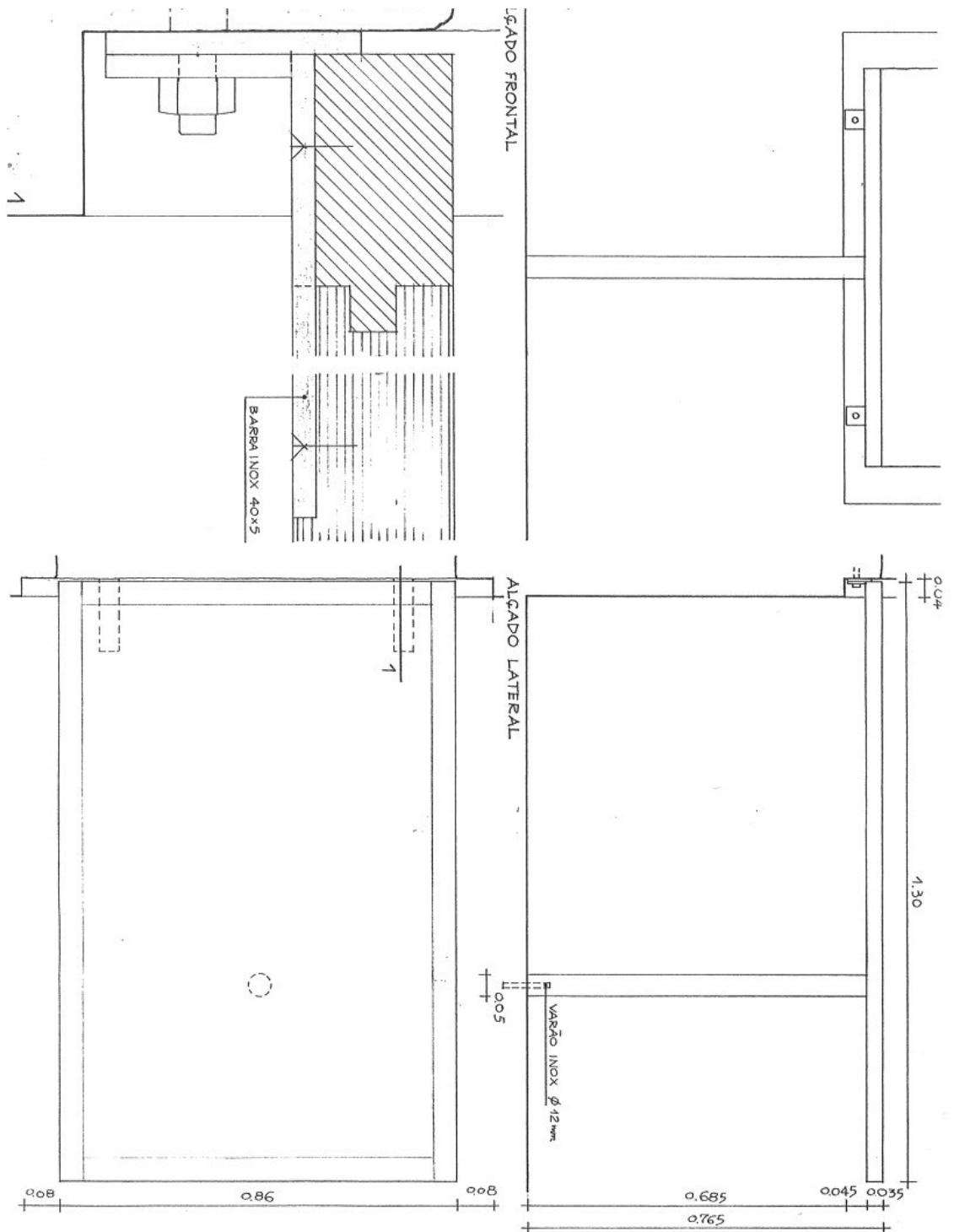
Mobiliário



131

“Távora estudava tudo até ao pormenor do mobiliário. Ele tinha um conhecimento muito profundo do mobiliário português e do mobiliário em geral, que tivesse influência portuguesa, como por exemplo o *Indo-Português*. Conhecer Portugal, conhecer a cultura portuguesa não é só conhecer a alimentação, os lugares mas também conhecer o que é que os portugueses andaram a fazer lá fora e quais foram as influências





TODAS AS MEDIDAS SERÃO VERIFICADAS NO LOCAL

DR. JOAQUIM TORRES
HABITAÇÃO - PARDELHAS VILA NOVA DE CERVEIRA
COZINHA 1 - MESA FIXA

FTÁVORA, ARQ.
OUT. 1998
ESCALA 1:10, 1:1 s/e 133

culturais mútuas.”¹⁶⁹

“A mesa, os bancos, - o dono da casa queria um banco que se pudesse abrir para guardar coisas no seu interior, - e os armários embutidos nos quartos. Tudo isto foi mobiliário desenhado propositadamente para a Casa de Pardelhas, tal como o balcão que separa a cozinha da sala, no volume principal.”¹⁷⁰ Os bancos abrem-se transformando-se em espaços de arrumo, “(...)algumas portadas e armários são feitos de forma a encaixarem nas paredes. É um pouco o léxico do moderno que foi introduzindo estas qualidades.

Não há um corte radical com o que se fazia antes. É tudo feito com detalhes tradicionais. Os carpinteiros continuam a fazer a mesma coisa, os serralheiros continuam a fazer o que faziam e vão-se adaptando às novas situações, não muda tudo. As coisas vão-se mudando à media que outras vão surgindo e por isso é que hoje em dia ainda existem pessoas a fazer como se fazia antigamente. Agora, como se entrou num processo de simplificação e estandardização, já é mais complicado o retorno.”¹⁷¹



¹⁶⁹ PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010 (em anexo p.192)

¹⁷⁰ BARROSA, Fernando, *Entrevista a Fernando Barroso*, Lisboa, 7 de Julho 2010 (em anexo p.200)

¹⁷¹ PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010 (em anexo p.190)

Metodologia



“Há dois projectos precedentes a este que são fundamentais e que servem como *casos base* dos princípios de intervenção no projecto em Pardelhas.”¹⁷² Estes são Casa da Covilhã de Távora, em Fermentões, e a Casa da Cavada, em Briteiros. Nestas obras “Távora ia à obra e fazia os desenhos no local, esquiços. A casa dele de Guimarães segue um bocado o mesmo princípio. É a relação directa com o local, é construir no local.”¹⁷³ Assim foi na casa da Covilhã, “(...) um processo sinuoso e flexível e não um projecto de estirador, foi um método de homem apaixonado e não de frio tecnocrata, foi um desenho de gesto mais do que um desenho no papel”¹⁷⁴ como descreve Fernando Távora a metodologia em “(...) dez anos de muito longos gestos e de algum pouco papel (...).”¹⁷⁵ Um processo, que revela mais que o desenho, muito idêntico ao da Casa em Pardelhas. “A relação de Fernando Távora com esta casa [Casa da Covilhã] será uma relação de excepção no conjunto da sua obra, pois tratava-se de recuperar uma velha mansão familiar que herdara dos seu pais, a que o ligavam fortes laços sentimentais e que conhecia desde a infância.”¹⁷⁶

A intervenção na Casa da Covilhã diferencia-se da Casa em Pardelhas, sobretudo, porque só Távora foi interveniente na adaptação da casa às necessidades físicas e psicológica e à do cliente, o próprio.

Uma obra, imbuída de significado, cuja transformação indispensável veio necessariamente repercutir-se na sua vivência/existência sendo certo que “(...) se homens

¹⁷² PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010 (em anexo p.192)

¹⁷³ *Ibidem*

¹⁷⁴ TÁVORA, Fernando, “Casa da Covilhã”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.130

¹⁷⁵ *Ibidem*

¹⁷⁶ FERRÃO, Bernardo, “Recuperação da Casa da Covilhã”, in BECKER, Annette, TOSTÓES, Ana, WANG, Wilfried (concepção e realização), *Arquitectura do Século XX – Portugal*, Deusches Architekturmuseum, Frankfurt, Centro Cultural de Belém, Lisboa, DAM Prestel, 1998, p.282